

# O ENSINO DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PRÁTICAS SOCIAIS X TEXTO ESCOLAR

Ivanildo Antônio de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, Mestrado Profissional em Letras

**Resumo:** Este trabalho apresenta um breve estudo sobre o ensino da escrita no ensino fundamental, com foco em duas propostas de produção textual apresentadas a alunos do 7º ano de uma escola da rede municipal de Itabira, Minas Gerais. Procura-se verificar o interesse dos alunos por propostas de produção de texto distintas. Após a publicação de um questionário, verifica-se que mais da metade dos alunos pesquisados prefere escrever sobre uma situação que faça parte do seu contexto social e que tenha um remetente real, como sugere Geraldí (1993).

**Palavras-chave:** Produção de texto, linguagem, ensino fundamental, práticas sociais, Língua Portuguesa

## 1. Introdução

Existe, no Brasil, um esforço constante no sentido de se aliarem os resultados apresentados em dados sobre produção escrita em âmbito nacional, como, por exemplo, os resultados da Prova Brasil e de outras avaliações sistêmicas, à realidade do ensino das habilidades básicas de escrita nas salas de aula do ensino fundamental.

Nesse contexto, é importante salientar que a produção de texto na escola ainda é uma prática que requer mudanças para que o trabalho com o texto do aluno seja produtivo e eficaz. Por isso, é importante discutir a forma como se trabalha com a escrita em sala de aula a fim de se perceberem as deficiências com vistas à busca por alternativas capazes de melhorar o ensino da escrita, já que o seu domínio se configura um direito dos alunos e contribui para que eles exerçam cidadania.

Este trabalho trata do ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa partindo-se da análise de duas propostas de produção textual: uma, que sugere uma atividade a qual o

Realização

Textolivre

Apoio

SEMIOTEC

CAED  
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE  
Faculdade de Letras

PRAE  
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PROEX  
Pró-Reitoria de Extensão

PROGRAD  
Pró-Reitoria de Graduação

UFMG

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

BRASIL  
Escola Nacional

professor corrigirá e terá um fim em si mesma; e outra, na qual os alunos serão levados a escreverem um texto que terá um destinatário real, a saber, alunos de todos os anos escolares os quais estudam na mesma escola dos autores.

Assim, busca-se, a partir deste trabalho, analisar a forma como os alunos do 7º Ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Antônio Camilo Alvim, em Itabira - MG, se comportam diante dessas duas propostas de produção de texto, para se discutir sua pertinência, bem como os dados obtidos a partir do questionário. A questão principal deste trabalho diz respeito à pertinência das ideias defendidas por autores, como Geraldi (1993), o qual assevera que o texto precisa fazer sentido para o aluno, precisa estar baseado numa prática real de uso da língua, ou seja, seriam, de fato, mais interessantes, para os alunos, exercícios de construção de textos que os levem a expor sua visão de mundo para um destinatário real?

## 2. Fundamentação teórica

O presente trabalho ancora-se nas discussões sobre linguagem postuladas por Bakhtin (2003) e nas concepções de texto de Geraldi (1993). Os conceitos apresentados por esses autores são muito importantes para as discussões voltadas ao ensino da Língua Portuguesa e podem contribuir para a construção de uma visão sociointeracionista do texto propriamente dito.

Bakhtin (2003) postula que todas as esferas sociais estão relacionadas ao uso da linguagem e que as maneiras desse uso são tão extensas quanto os próprios campos da atividade humana. Ainda segundo o autor, a fim de se estabelecer uma organização no que diz respeito à comunicação,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Realização



Apoio



Visto isso, não se pode negar que os atos de fala seriam impossíveis se esses não se organizassem a partir dos gêneros do discurso. Esses, os gêneros, são responsáveis por fazer com que haja a efetividade da linguagem em todas as áreas da sociedade.

Essa visão bakhtiniana acerca dos gêneros precisa ser amplamente incorporada ao ensino, sobretudo de Língua Portuguesa, nas escolas. Dessa forma, será possível preparar os alunos para que sejam capazes de lidar com a escrita dos mais variados gêneros os quais são demandados nos diversos campos da atividade humana.

Na visão de Geraldi (2007), a concepção de linguagem do professor é o que norteia a forma como esse vê o texto do aluno. Entretanto, sobre o que a tradição escolar solicita do aluno em relação à escrita, está claro que, na maioria dos casos, esse escreve apenas para que o professor leia e corrija. Ainda, segundo Geraldi (2007), nesse sentido, ficam evidentes os riscos da subjetividade, já que o professor, geralmente, avalia o texto do aluno em bom ou ruim, sem estabelecer critérios claros para a análise/correção desse material.

Por outro lado, deve-se enfatizar que ensinar a escrever em sala de aula é muito mais que solicitar aos alunos que escrevam uma redação para ser lida e avaliada pelo professor. Essa prática precisa estar ligada a situações reais de uso da língua a fim de que o aluno seja, de fato, levado à capacidade de mobilizar habilidades relativas à produção escrita e que saiba operar com esses textos em diversas situações comunicativas. Nesse viés, Geraldi (1993) postula sobre a necessidade do ensino de língua materna a partir da produção textual de gêneros orais ou escritos.

Contrário a essa perspectiva, existe o fato de que, em muitos casos, o que se pede nas aulas, majoritariamente chamadas “aulas de redação”, são textos sobre temas incondizentes com o real contexto social dos alunos, o que causa certa aversão à escrita e não os coloca na posição de autores do próprio texto. Para Geraldi (2007), a escola repete os temas todos os anos, o que artificializa o uso da língua, ademais, nesse contexto de produção escrita, o professor é o único leitor do texto do aluno e o faz, majoritariamente, com vistas à avaliação do que o estudante sabe ou não na perspectiva do próprio profissional que o avalia.

Geraldi (1993) defende, ainda, que, em grande parte das propostas de escrita, o professor “conduz” o aluno a uma produção, mas não lhe oferece a possibilidade de ser autônomo, já



que algumas respostas são esperadas e tende-se a desvalorizar o que o discente propõe. Logo, o autor defende a ideia de que

No discurso de sala de aula, é o inverso o que ocorre: pergunta quem já sabe a resposta [...], ou quem o interlocutor (aluno) imagina que já sabe a resposta. Sua ação linguística de responder é, então, marcada por essa situação: suas respostas serão “candidatas” à resposta certa, cabendo a quem perguntou (o professor) o poder de avaliar a resposta dada. (GERALDI, 1993, p. 157).

Para Geraldi (1993), a fim de que se produza um texto real, é fundamental que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz pra quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 1993, p. 137).

Dessa forma, Geraldi (1993) deixa claro que escrever é muito mais que copiar modelos preexistentes. Fica explícita, pois, a necessidade de se oferecerem e se evidenciarem os caminhos que devem ser seguidos pelo aluno no processo de construção do seu texto e que esses o levem a pensar que a sua produção faz sentido e está ligada a uma prática social.

### 3. Metodologia

A pesquisa tem caráter qualitativo, já que se pretendeu apenas verificar e analisar a forma como os alunos se comportam diante de duas propostas de produção escrita. Participaram alunos de duas turmas do 7º Ano da Escola Municipal Antônio Camilo Alvim, de Itabira, Minas Gerais (num total de 27 alunos).

Para sua realização, em formulário do Google Drive, foram apresentadas aos alunos duas atividades de produção de texto para que optassem por uma. Não necessariamente, eles tiveram de escrever os textos, mas responderam a duas perguntas sobre as propostas de produção a fim de que se verificassem por qual delas a turma mais se interessou e por quê.

Por fim, os dados gerados na aplicação do questionário aos alunos foram analisados na perspectiva de texto de Geraldi (1993).

#### 4. Análise e interpretação de dados

As propostas de produção a seguir e as perguntas a serem respondidas foram apresentadas aos alunos por meio de um formulário do Google Drive.

##### Proposta I

Escreva um texto sobre o tema "A importância da internet para os jovens". Seu texto deverá conter, no mínimo 20 e, no máximo, 30 linhas. Não se esqueça de fazer um rascunho antes de escrever a versão definitiva.

##### Proposta II

A internet é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de diversas tarefas do nosso cotidiano. Sabendo disso, escreva um texto em que você descreva as principais atividades que realiza online, o que mais gosta de fazer quando está conectado, enfim, como essa ferramenta facilita sua vida. Seu texto e os dos seus colegas serão publicados no blog da escola a fim de que possamos conhecer a forma como você e seus colegas utilizam a internet.

Após todos os estudantes responderem ao questionário, o próprio sistema gerou um gráfico com as respostas dadas. Apenas uma das questões foi discursiva e as respostas foram analisadas a fim de se verificarem os motivos pelos quais os alunos se interessaram mais por uma determinada proposta.

Como defende Geraldi (1993), a proposta de produção de texto deve fazer sentido para o aluno, ou seja, o que lhe é solicitado no momento da escrita deve partir de uma prática social específica. Os resultados obtidos com a aplicação do questionário aos alunos apontam para a pertinência das ideias do autor, já que a maior parte dos discentes (59%) optaram pela proposta II. Entre as justificativas para a opção por essa proposta, foram apresentados argumentos do tipo “*Essa proposta é mais interessante.*”, “*Porque é um meio de mostrar qual é o nosso objetivo quando estamos online.*”, “*Porque é mais fácil de falar o que eu penso.*”, “*Porque o tema é mais interessante que o da outra proposta.*”. Essas respostas, mais uma vez, corroboram o que Geraldi (1993) defende sobre as práticas de escrita na escola. De acordo com ele, a prática de escrita, quase sempre, é pautada na repetição daquilo que o professor ensina. Para ele, é na produção escrita que o aluno apresenta suas concepções, visões de mundo e as articula com os conhecimentos adquiridos acerca da produção escrita. Isso contribui para que o estudante não seja um

mero sujeito o qual copia discursos, mas que seja suficientemente capaz de criar os seus a partir do que vive. (p. 136).

Os outros 41% dos alunos optaram pela proposta I. Esse grupo, em sua maioria, diz ter optado por essa atividade pelo fato de ela ser mais “objetiva” que a outra. Embora o número menor de alunos que escolheram essa opção tenha correspondido à nossa expectativa dados os estudos, sobretudo, de Geraldi (1993) sobre o assunto, evidencia-se, a partir desse resultado, a necessidade de revisão das práticas de escrita no ensino fundamental. Para Geraldi, “A devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo-se como tal.” (p. 160).

## 5. Considerações finais

Evidencia-se, portanto, a partir desse estudo, que as visões de texto, sobretudo de Geraldi (1993), são suficientes para nos fazer repensar a forma como ensinamos escrita em contexto escolar. A maior parte dos alunos pesquisados demonstrou interesse por uma proposta de produção que evidencia uma prática social própria desse grupo e possibilita que apliquem nela sua visão de mundo. Por outro lado, o fato de ainda haver uma parcela significativa de alunos que se interessa por uma proposta de caráter meramente escolar, demonstra que a tradição escolar quanto ao ensino de escrita precisa ser superada, a fim de que os discentes sejam, realmente, autores dos próprios textos, que se coloquem na posição de sujeitos sociais, os quais demonstram a capacidade de mobilizar as mais diversas formas de textos, nos mais diversos contextos sociais.

## Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de português. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática: 2007. p. 59-79

Realização

Textolivre

Apoio

SEMIOTEC

CAED  
Centro de Apoio à Educação e Didática

FALE  
FACULDADE  
DE LETRAS

PRAE  
PRÓ-REITORIA  
DE ACESSO À  
ESCALA

PROEX  
PRÓ-REITORIA  
DE EXTENSÃO

PROGRAD  
PRÓ-REITORIA  
DE GRADUAÇÃO

UFMG

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

BRASIL  
REPUBLICA FEDERAL